

4

# ESEG investigação

Revista Científica da Escola Superior de Educação da Guarda

nº4 | 2º semestre | 2007

*Edição especial 20 anos  
Volume I*

# **ESEG INVESTIGAÇÃO**

**Revista Científica  
da  
Escola Superior de Educação da Guarda**

N.º 4 | 2º Semestre | 2007

**Título:** ESEG Investigação

Revista Científica da Escola Superior de Educação da Guarda

Edição Especial, Volume I

**Coordenação Editorial:** Joaquim Manuel Fernandes Brigas

**Coordenador Científico:** Júlio Pinheiro

**Comissão Científica:** Professores Coordenadores e Doutores da ESEG

**Edição:** Escola Superior de Educação da Guarda

**Capa:** Humberto Pinto

**Coordenação Gráfica:** Maria de Fátima Bartolomeu da Cruz Gonçalves

**Colaboração:** Jandira Medina

**Tipografia:** Marques & Pereira (Guarda)

**Depósito Legal:** 220917/04

**ISSN:** 1646-1193

**Tiragem:** 2000 exemplares

**1ª Edição:** 2º Semestre | 2007

Escola Superior de Educação da Guarda

Av. Dr. Francisco Sá Carneiro, n.º 50 \* 6300-559 Guarda \* Telefone: 271 220 135 \* Fax: 271 222 325 \* [www.ese.ipp.pt](http://www.ese.ipp.pt)

Os artigos são da responsabilidade dos respectivos autores e são apresentados exactamente como foram entregues na redacção.

Reservados todos os direitos. Esta publicação, não pode ser reproduzida ou transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo, electrónico, mecânico, fotocópia, gravação ou outros, sem autorização do Editor.

# Índice

Nota de Abertura <i>Joaquim Brigas</i>	7
Prefácio <i>Júlio Pinheiro</i>	9
“As palavras ainda se apagam diante do invisível” Rainer Maria Rilke e Cecília Meireles: notas de investigação <i>Maria José Craveiro</i>	17
Renan e Eça de Queirós <i>Vie de Jesus e A Relíquia</i> <i>Júlio Pinheiro</i>	33
Ensaio sobre a Cegueira ou a metáfora do mundo em que vivemos <i>Ricardo Antunes</i>	49
Ricardo Reis: o mais clássico dos heterónimos de Fernando Pessoa <i>Mário Meleiro</i>	69
Fernando Pessoa e o Iberismo <i>José Luís Lima Garcia</i>	81
A imprensa regional ao serviço de uma causa: o jornal <i>A Guarda</i> e o processo de acolhimento dos “retornados” <i>Nelson Oliveira</i>	87
O uso das fontes na imprensa generalista <i>Regina Gouveia</i>	113
Análise do “uso de recursos” nos manuais escolares portugueses e moçambicanos <i>Rosa Branca Tracana, Cláudia Ferreira, Maria Eduarda Ferreira &amp; Graça S. Carvalho</i>	133

---

Actividades lúdico-motoras praticadas em meio rural por crianças do 1º ciclo do Ensino Básico. Mudanças verificadas entre 1992 e 2007	149
<i>Mário Cameira Serra &amp; Nuno Serra</i>	
<hr/>	
El Juego como medio transmissor de valores en la educación primaria	169
<i>Eduardo Álvarez del Palacio</i>	
<hr/>	
Enamoramento e Amor	183
<i>Filomena Velho</i>	
<hr/>	
A policromia e a pintura ilusionista na Praça e Vila de Almeida (séculos XVII a XX)	193
<i>Augusto Moutinho Borges</i>	
<hr/>	
Estratégia das Empresas na Era da Globalização	211
<i>Maria Filomena Ribeiro Ventura Gomes</i>	
<hr/>	
Do autismo à palavra: a importância do “Não”	231
<i>Isabel Maria Morais de Sousa Portugal</i>	
<hr/>	

## Nota de Abertura

A revista *ESEG Investigação* nasceu fruto da cooperação de um trabalho longo e amadurecido por um plano de acção sustentado, levado a cabo por uma equipa digna do maior respeito e admiração. Por isso, mais uma vez se apresenta, nesta edição especial 20 anos, dando lugar a uma série de reflexões científicas, subscritas por professores e investigadores de comprovado mérito.

Ao completar 20 anos de existência, a ESEG orgulha-se pelo trabalho desenvolvido, e que nas páginas destes dois volumes, apresentados pela ocasião do seu aniversário, se submete ao rigoroso escrutínio público da comunidade científica e académica, dando à estampa mais uma série de artigos que hão-de, certamente, merecer a aplauso geral.

Paralelamente a esta iniciativa, a ESEG entrou no novo ano lectivo com a certeza de que poderá enfrentar os desafios do processo de Bolonha com todos os recursos de que carece para a sua afirmação como escola de prestígio. A saber: uma revista científica, constituída com repositório da investigação do que melhor nela se produz; uma carteira de protocolos com as mais prestigiadas instituições de ensino superior, tendo em vista a oferta de formação avançada, quer ao nível de pós-graduações, que ao nível de mestrados; um conjunto de parcerias com centros de investigação, que têm por objectivo o desenvolvimento de projectos comuns multitemáticos, em rede com instituições públicas e privadas; contratos

em regime de consórcio com instituições nacionais e internacionais, visando a concretização de projectos pré-seleccionados, e de indiscutível interesse para a sociedade civil...

Por tudo isto e pelo demais, que não se justifica ser relevado neste campo, a ESEG enfrenta o futuro com confiança. Assume o compromisso de, nestas páginas, continuar a oferecer aos investigadores um contributo um espaço à investigação científica, que orgulhe os que nelas colaboram.

Numa época em que só os melhores têm lugar garantido, e só a excelência consegue fazer a diferença, a nossa promessa será sempre a certeza do dever cumprido, e a honra de humildemente caminhar lado a lado com os que apostam em fazer do nosso país um espaço de saberes genuinamente reconhecido.

*Joaquim Manuel Fernandes Brigas*  
*Director da ESEG*

## Querido Leitor

Dirijo-me a si «querido leitor», como fazia António Vieira e mais recentemente Miguel Torga nos últimos livros que publicou. O adjectivo «querido» com intenso e profundo valor semântico adquire ainda maior intensidade quando anteposto ao substantivo. Deixa de ser meramente informativo para se tornar performativo, pois realiza no coração o que significa.

Ao escrever este prefácio, sinto a grande dificuldade inerente a tudo o que começa. Eduardo Theirs na sua «Introdução» às *Novelas Ejemplares* de Miguel de Cervantes conta que estando sentado à mesa de um café chega um amigo que lhe pergunta o que faz. A resposta foi imediata: «Devo fazer uma introdução o que não é nada fácil». E acrescentava que para essa dificuldade contribuía a necessidade de se misturar o necessário com a incitação para que o leitor trabalhe e obtenha o maior prazer por sua conta. Terminava notando que se deve ensinar o oculto para que o leitor investigue por si mesmo.

No entanto esta introdução tem que seguir um outro caminho, pois procura atingir o real, o objectivo, a acção, a própria vida. É sobretudo o momento para uma reflexão aprofundada, partindo do passado por uma perspectiva de futuro

Com essa finalidade vou tentar salientar o valor da revista, logo a sua necessidade. Abordarei depois algumas das maiores exigências, dificuldades e preocupações que provoca uma publicação deste tipo. Afirmo desde já que não olho só para o passado. O que me interessa é o presente, pois, como diz Santo Agostinho, o passado e o futuro só existem enquanto presente.

## Valor e necessidade

Qualquer estabelecimento de ensino superior tem necessidade de uma revista que se apresenta como um testemunho, uma oportunidade, uma memória.

Antes de mais é um testemunho do esforço realizado, do trabalho pessoal e colectivo, do interesse sentido, enfim da capacidade e do valor dos que nela escrevem. É por isso que é também uma oportunidade, sobretudo para os mais novos que iniciam o percurso de uma docência que se pretende um serviço e uma realização pessoal. Nem sempre é fácil publicar os resultados da investigação, pois nem sempre as portas se abrem aos mais novos. A revista, sendo da casa, e dirigida por pessoas que se conhecem inspira confiança e ao mesmo tempo motivação. Todos sabem que se trata de um campo aberto para dar a público o que se escreve, na certeza de que as coisas só existem verdadeiramente quando se conhecem.

Sendo testemunho e oportunidade a revista também é memória da vida colectiva e em certa medida da vida de cada um. Quem escreve dá a conhecer os seus conhecimentos, as suas emoções, as suas acções, as suas histórias. Escrever é em certo modo viver à beira da intemporalidade. Por estes motivos uma escola sem revista é uma escola sem memória, pois se não se der a conhecer no presente ficará ignorada no futuro.

A revista é também necessária porque gera várias relações.

Antes de mais é um factor de relação de cada pessoa consigo mesma. Ao olhar a revista cada autor sente um apelo continuado para que caminhe, para que produza, para que crie não de modo isolado, mas em participação. O trabalho em equipa é mais produtivo, embora guardando as diferenças pessoais. Uma sinfonia não exige a uniformidade, mas o fazer bem aquilo que se deve fazer bem. Agindo com os outros cada pessoa aprende a agir consigo mesma.

Ao escrever o autor vai entrar em diálogo com os outros colaboradores da revista e com eles cria novas relações de pensamento e até de convivência e amizade. Há uma profunda inter penetração de saberes diferentes, de novo

analisados e transmitidos e por isso reformulados. E nesta actividade de relações acentuadas reside a descoberta que cada um faz do saber dos outros que acaba também por ser um saborear da vida e do mundo. Foi isto que expressou Ionesco ao ser recebido na Academia Francesa quando disse: « A nossa arte de encontrar o mistério da vida reside no modo de se olhar, de olhar os outros, de olhar o mundo».

No entanto, esta relação vai estabelecer-se não só a entre pessoas, mas também entre as redes culturais, as instituições, as escolas com os mesmos interesses. Um dos maiores benefícios de ter uma revista está na possibilidade de estabelecer trocas com outras revistas, comparando o que se produz com o que se realiza de mais válido e actualizado.

Outra relação muito desejável deve estabelecer-se entre os próprios leitores. Por essa razão existem revistas que publicam as cartas dos leitores onde exprimem os sentimentos provocados pelos autores e as apreciações feitas por outros leitores sejam eles simples, médios ou especificamente preparados. O importante é que o leitor seja activo, desejoso de criar. Nada interessa o que seja negativo e por isso recusámos sempre o «homo lacrimans» detestado por Albert Camus ou a «barbárie interior» condenada por Jean-François Motte. No fundo, para que a revista tenha aceitação deve ser exigente e possuir real valor. Fazer uma revista é um trabalho árduo, constante, a que não deve faltar um grande optimismo e uma imensa confiança em si mesmo e nos outros. As exigências são enormes e as dificuldades permanentes.

### **Exigências e dificuldades**

A primeira característica de uma revista é a sua efemeridade. Está na essência das revistas a sua morte anunciada, por causa da sua temporalidade, da ambiguidade existencial que a determina. A revista não é o tempo que passa inerente ao jornal, nem o tempo que fica que caracteriza o livro. É um tempo

intermédio. Estando entre duas situações acaba por ter um estatuto que não está definido.

Talvez por isso poucas são as revistas que venceram o tempo. Algumas desapareceram mesmo rapidamente, apesar de alguns números terem ficado como marcos de inovação e saber. Damos alguns exemplos mais significativos. Da célebre revista *Orphen*, fundada por Fernando Pessoa, Mário Sá Carneiro e outros em 1915 só saíram três números. Da revista *Centauro* só apareceu um número. Da *Athen* foram publicados cinco números. Já a conhecida revista *Presença* fundada por José Régio e João Gaspar Simões durou mais tempo, pois teve 54 números. Com vida efémera foram publicadas as revistas *Exílio Portugal Futurista*, *Revista Lusitana*, *Revista de Portugal*. Em algumas universidades portuguesas, revistas de várias especialidades como Direito, História, Filosofia acabaram depois de algum tempo de publicação, normalmente por razões políticas, económicas ou mesmo científicas.

A revista *ESEG Investigação*, tem-se mantido sem interrupção, por causa de apoios sem os quais a morte já teria acontecido. Para que tal milagre aconteça há que ter em conta a acção do director da ESEG, dos colaboradores e dos leitores.

A actual revista deve-se ao espírito empreendedor do Director da Escola Superior de Educação, Prof. Joaquim Brigas. Apesar de ter um grande sentido empresarial da escola, não se deixou dominar pelo material. Para o director a matéria é, como a palavra indica, a mãe da acção, mas não a dominadora da acção. Não procurou a mercantilização do conhecimento hoje tão apregoada. Tentou antes valorizar a investigação, estabelecendo uma profunda ligação entre a Escola e a cultura nas suas variadas modalidades. O importante é que a Escola seja produtora de sentido através das suas actividades, e constitua um poderoso meio de fortalecimento das estruturas culturais e científicas. Deste modo vai contribuir para que os académicos sobrevivam entre as ruínas do espírito. No entanto, esta força da direcção não seria produtiva sem a acção dos colaboradores.

O que faz o sucesso de uma revista é o trabalho dos colaboradores que devem dar testemunho de competência resultante de um conjunto de qualidades assinaláveis. Notemos antes de mais a sinceridade e a humildade. Tomo aqui as palavras no seu sentido original, isto é viver sem cera, sem máscaras e por outro lado ser húmus, terra cultivada e produtiva. Escrever é pois ser autêntico e activo, mas é também sujeitar-se a críticas sobretudo dos que nada fazem, ou simplesmente são fracassados. Crítico de cinema é muitas vezes o que nunca fez um filme, como o crítico de literatura é o que nunca foi capaz de escrever um livro. Triste é constatar que há pessoas que nunca publicaram um artigo na revista e não consta que o tenham feito em outras publicações. É por isso que quem escreve deve possuir uma boa dose de confiança e optimismo. Junte-se a tudo isto uma grande insatisfação e criatividade. É evidente que nada de bom poderá acontecer se não houver competência, saber e sobretudo esforço. A inspiração só é rentável quando houver transpiração. Nada se faz sem trabalho, muito trabalho. Denis Rougemont em *L'amour et l'Occident* recorda o dito de Vernet a propósito de um quadro que vendia e o comprador achava caro para o esforço exigido: «Sim, exigiu-me uma hora de trabalho, mas toda a vida para o fazer». Um texto não é só o que aparece visível, mas também o invisível, pois implicitamente surge como o resultado de um esforço continuado, de longos anos de sacrifícios. Notemos ainda que os autores não escrevem para si, mas para o leitor. Por este motivo uma revista só existirá se tiver leitores. E qual é o papel do leitor?

Já atrás chamámos a atenção para a responsabilidade do leitor. Compete ao leitor procurar o dito e o que ficou por dizer, delimitar o espaço, revitalizar as personagens, actualizar os tempos, analisar as ideias, fortalecer a mensagem. Uma vez escrito, o texto já não pertence ao autor, mas ao leitor que ao ler vai criar o seu próprio mundo. Como escrevia Voltaire «os livros mais belos são aqueles cujos leitores fazem a metade». Um outro tema de grande actualidade é a necessidade de as revistas serem altamente especializadas. Para que uma revista tenha real valor e aceitação científica é forçoso que foque temas bem específicos

e intimamente relacionados.. Uma revista que trata de tudo é uma revista que cientificamente não trata de coisa nenhuma. Qualquer artigo nela publicado não terá aceitação no mundo da ciência e da investigação.

Por estas razões é forçoso que haja uma certa homogeneidade de conteúdo e sendo possível, que haja mesmo números temáticos, com uma linha científica condutora. Sem saber específico não é possível valor científico. É bom recordar o célebre número da revista *Communications 8* com o sub-título *Analyse Structurale du Récit* (Paris, Seuil, 1966) e que ainda hoje permanece como uma referência. A causa do seu impacto e da sua vitalidade está na novidade que trouxe então aos estudos literários e linguísticos, sem esquecer a qualidade dos colaboradores que assinaram os respectivos artigos.

O interesse duma revista vem também de outros factores como a capacidade de pôr interrogações, de tentar o novo, de procurar o diferente. Uma revista tem que ser ousada, tem que procurar abrir novos caminhos, com exigência, apesar das dificuldades encontradas. Só pelo diferente é que se aprende, só pelo novo é que se caminha, sem nunca abdicar dos valores transmitidos pelos antepassados. De resto é bom recordar o ditado que diz: que só se caminha tendo um passo atrás e outro à frente.

Ora a revista *ESEG Investigação* deve primar por ter uma atitude de investigação séria, aprofundada. Não se pode alhear do ensino ministrado na Escola e da especificidade dos seus fins culturais e pedagógicos. Ao mesmo tempo deve valorizar os saberes do meio em que se insere, atendendo à cultura radicada num determinado território e vivida por um grupo de pessoas com experiências comuns. Sendo publicada na Beira Alta devemos ter presente que não tem espaço limitado, pois vive «à beira de», isto é, no não espaço, ou como a palavra significa, na utopia. É sempre bom recordar que o verdadeiro regional é o verdadeiro universal.

Os que escrevem são os mais insatisfeitos e sabem que na revista, como nos quadros mais belos, há sempre luzes e sombras, mas também sabem que o ser é

sempre melhor que o não ser.

Ao fazer estas considerações e ao deixar a orientação científica da revista resta-me expressar um agradecimento, formular um voto, anunciar uma certeza.

O meu agradecimento vai para o Prof. Joaquim Brigas, Director da Escola Superior da Educação, pela sua força e determinação, para a Dr.a Fátima Gonçalves pelo seu saber e disponibilidade, para os colaboradores com o seu esforço e dedicação. A revista é de todos e não é de ninguém.

O meu voto é que cada um se interrogue não sobre o que vai acontecer, mas sobre o que vai fazer pela revista., pois eu acredito que há muita gente capaz de realizar maravilhas. Parafraseando o que escreve Gide a propósito do livro diremos: «Quem se interessa pela revista é por si que se interessã».

A certeza que anuncio é esta. Embora afastado voluntariamente das responsabilidades científicas da revista não deixarei de dar o meu contributo sempre que for oportuno. Deste modo viverei em relação comigo e com os outros, alimentando permanentemente um sentimento de futuro, sabendo que, como diz o Papa Bento XVI, é «pela esperança que somos salvos».

*Júlio Pinheiro*



# Actividades lúdico-motoras praticadas em meio rural por crianças do 1º ciclo do Ensino Básico. Mudanças verificadas entre 1992 e 2007\*

Mário Cameira Serra & Nuno Serra

## 1. Introdução

Nos finais do século XIX, os jogos das crianças mereceram a atenção de etnógrafos como Adolfo Coelho e Teófilo Braga, que foram tocados pela beleza das rimas, cantilenas e lengalengas que muitas destas práticas continham. Também o padre Pedro Aloy (1882), no seu livro *Recreios Colegiais*, descreveu 150 jogos que, na sua óptica, deveriam ser realizados pelos alunos nos Colégios Jesuítas, durante os tempos de recreio.

Só no final do século XX as actividades lúdicas e motoras praticadas pelas crianças voltaram a constituir o objecto de vários estudos, realizados no âmbito de cursos de mestrado (Serra, 1992; Pereira, 1993; Serrano, 1996) ou deles derivados (Serrano e Neto, 1997; Pereira e Neto, 1997).

Iniciado um novo milénio, outras pesquisas se realizaram (Dolores, 2006; Patriarca, 2006), em torno das rotinas diárias e da actividade lúdica das crianças do 1º ciclo do Ensino Básico (1º CEB).

Alguns dos referidos estudos procuram verificar as diferenças entre as práticas lúdicas das raparigas e dos rapazes e outros a variação entre os jogos ocorridos nos contextos rural e urbano.

Serra (1992), tendo investigado os jogos dos alunos do 1º CEB em escolas pertencentes ao meio rural, misto e urbano, verificou que, em qualquer dos meios

---

\* Estudo realizado no âmbito do Programa de Apoio Financeiro à Investigação no Desporto (P.A.F.I.D.), promovido pelo Instituto de Desporto de Portugal.

observados, a prática dos jogos de *corrida e perseguição* prevalecia sobre os restantes, quer no logradouro da escola, quer em casa e locais exteriores. Concretamente nos “recreios” do meio rural, os jogos de *saltos* surgem na segunda posição, seguidos dos de *adivinha e descoberta*, jogos *desportivos com bola e danças*. Nos espaços exteriores à escola, os jogos de *saltos, desportivos com bola, de dramatização e de locomoção* vinham logo a seguir entre os mais praticados.

Preocupados em comparar os resultados obtidos em meio rural e em meio urbano, Serrano e Neto (1997) não notaram grandes variações entre os exercícios lúdicos que as crianças com idades compreendidas entre os 7 e os 10 anos praticam nos dois contextos, seja em casa, seja no exterior. Todavia, no que concerne especificamente ao meio rural, estes autores constataram que as crianças davam preferência aos jogos de *dramatização, locomoção e corrida e perseguição*. Também Patriarca (2006), ao estudar os jogos realizados por alunos do 1º CEB em duas freguesias rurais pertencentes a distritos diferentes, chegou a conclusões idênticas às da pesquisa de Serrano e Neto (1997), quer no referente às práticas do “recreio”, quer às que acontecem próximo de casa.

Pereira e Neto (1997), por sua vez, constataram que nem sempre as actividades lúdicas preferidas pelas crianças são as mais praticadas. Estes resultados parecem comprovar a influência exercida pelas características do contexto escolar, familiar e social no tipo de jogos e brincadeiras realizadas. Assim, consoante o contexto cultural e social em que a criança vive, diferentes constrangimentos, facilitações ou estímulos são colocados à sua actividade lúdico-motora, no que concerne à gestão do corpo, do espaço, do tempo e dos objectos.

No entanto, numa determinada localidade, o tempo vai alterando, mesmo que de um modo imperceptível, os factores físicos e humanos que podem induzir mudanças nos exercícios lúdicos e na actividade físico-motora das crianças, aspecto que, a nosso ver, não tem sido investigado. Com efeito, o tempo modifica as mentalidades, as condições de segurança, as características físicas dos espaços e dos pisos destinados ao jogo, lança outros desafios à criança e incute-lhe novas

motivações. Deve sublinhar-se o facto de, nos quinze anos que transcorreram entre 1992 e 2007, terem surgido as actividades de enriquecimento curricular, muitos e apelativos brinquedos da era tecnológica, quase impostos por campanhas de publicidade massiva, e novos programas televisivos, que foram criando outras apetências e produzindo mudanças no tipo de actividades lúdicas e motoras.

Neste quadro, o presente estudo, levado a cabo em 2007, pretende replicar a pesquisa realizada por Serra (1992) em três localidades do concelho do Sabugal (Fóios, Soito e Vale de Espinho). Com a sua concretização pretende-se detectar eventuais mudanças ocorridas durante os últimos quinze anos nas categorias de jogos praticados pelas crianças do 1º CEB, quer nas práticas realizadas no logradouro escolar, quer nas ocorridas nos espaços exteriores: casa, locais anexos e rua.

Assim, é nosso propósito encontrar resposta às seguintes dúvidas:

- Que variações ocorreram, durante os últimos quinze anos, nos jogos praticados pelas crianças do 1º CEB residentes em meio rural?
- Em que contexto (logradouro da escola ou espaço exterior) se verificou um maior aumento ou diminuição das práticas lúdicas e motoras? E em que classes de jogos?

## **2. Métodos e Procedimentos**

A amostra foi constituída por 98 crianças com idades compreendidas entre os 6 e os 9 anos, divididas equitativamente em dois grupos, como nos elucida a tabela 1.

As 48 crianças do subgrupo amostral observado em 1992 frequentavam as respectivas escolas nas três localidades referidas, todas pertencentes à zona fronteiriça do concelho do Sabugal, conhecida por região de Ribacôa.

A intenção de utilizar, em 2007, um grupo em tudo idêntico ao anteriormente

referenciado – mantendo inalterados os efectivos discentes, por escola, atendendo às variáveis idade e género –, não pôde, no entanto, concretizar-se.

**Tabela 1**  
Constituição da amostra (n = 98)

Idade	1992		2007	
	♀	♂	♀	♂
6	6	6	6	6
7	6	6	6	6
8	6	6	6	6
9	6	6	6	6
Total	24	24	24	24

Efectivamente, a escola de Fóios já não se encontrava activa, sendo as respectivas crianças deslocadas diariamente para a escola de Vale de Espinho. Colocados perante esta situação, embora tendo integrado na amostra os alunos oriundos dos Fóios, a nossa pesquisa decorreu apenas nos dois estabelecimentos de ensino restantes, facto que constitui uma limitação do estudo.

O problema da diminuição drástica do número de crianças que frequentam as escolas do 1º CEB foi particularmente sentido no concelho do Sabugal. Com efeito, entre os anos lectivos de 1991/92 e 2007/2008, o efectivo de alunos, nesse nível de ensino, sofreu uma redução superior a 50%<sup>1</sup>.

Notámos ainda que o logradouro da escola do Soito<sup>2</sup>, a maior das duas escolas, sofreu profundas alterações entre 1992 e 2007. O edifício continha um pátio coberto contíguo, de piso cimentado, que entretanto foi convertido num pequeno pavilhão, propício à realização das actividades lúdico-motoras em dias de

1 - Em 1991/92 frequentaram as escolas do 1º CEB do concelho 861 crianças, número que desceu para 382 em 2007/2008. A redução mais drástica verificou-se nos Fóios que, fruto da extinção do posto da Guarda Fiscal, viu a população escolar descer de 25 para 12 (52% de redução), de 1991/92 para 1992/93, originando a posterior extinção da escola. Fonte: CAE; Guarda, Dezembro 2007.

2 - No intervalo entre as duas observações, mais concretamente em 1999, o Soito foi elevado à condição de vila, a segunda do concelho do Sabugal.

chuva. Nos quinze anos que mediaram entre as duas observações, o logradouro foi nivelado, drenado e coberto por uma boa camada de areia, ficando livre de todos os obstáculos, com excepção das árvores fronteiras à porta de entrada, que em nada prejudicam a movimentação das crianças. Num soalco anexo foi construída a cantina, onde é servido o almoço aos alunos, com uma sala destinada a jogos de mesa e trabalhos escolares e, em frente, instalado um parque infantil, com diversos equipamentos e um piso moderno e adequado.

A escola de Vale de Espinho manteve as condições já existentes em 1992, que podem considerar-se excelentes para as actividades lúdicas e desportivas, se exceptuarmos os dias muito frios ou com chuva: um campo polivalente cimentado anexo ao logradouro e, a menos de cinquenta metros, o campo de futebol, com piso em erva natural.

Os procedimentos utilizados no presente estudo são idênticos aos usados por Serra (1992). Os dados foram recolhidos através de uma entrevista estruturada, feita directamente a cada criança<sup>3</sup>.

Entre outras perguntas, respeitantes às características da família, rotinas diárias, actividades culturais e desportivas realizadas e brinquedos utilizados, as crianças foram questionadas acerca dos jogos que costumavam praticar no “recreio” e noutros locais (rua, casa ou espaço próximo).

Cada uma das práticas lúdicas mencionadas pelos sujeitos da amostra foi agrupada numa das onze classes da tipologia adoptada por Serra (1992: 45-45):

- 1 - *Jogos de corrida e perseguição* (CP), nos quais é utilizada a corrida para tocar ou agarrar outro(s).
- 2 - *Danças e batimentos rítmicos* (DA) – movimentos ou batimentos ritmados, de mãos ou pés, acompanhados de uma fórmula rimada ou cantilena.
- 3 - *Jogos desportivos com bola* (DB), ou seja, formas de prática desportiva,

---

3 - A entrevista a cada criança foi efectuada depois de obtida a autorização da respectiva professora e da directora da escola, bem como a anuência do entrevistado.

mesmo que reduzidas ou rudimentares, com utilização de uma bola ou objecto volante.

4 - *Jogos de descoberta* (DE), consistindo em encontrar objecto(s) ou jogador(es) escondido(s).

5 - *Jogos de dramatização* (DR), situações de ficção, “faz de conta” ou representação de papéis.

6 - *Jogos electrónicos, robóticos e informáticos* (EL), actividades lúdicas que têm como suporte material objectos construídos a partir das modernas tecnologias.

7 - *Jogos de lançamento em precisão* (LA), práticas que se baseiam no lançamento de um ou mais objectos, procurando acertar num ou em diversos alvos.

8 - *Jogos de locomoção* (LC), cujo objectivo fundamental é procurar deslocar o próprio corpo ou o de outro(s), com ou sem material apropriado.

9 - *Jogos de mesa* (ME), actividades lúdicas que se realizam no mesmo local, sem necessidade de motricidade grossa.

10 - *Outros jogos com bola* (OB), isto é, jogos tradicionais em cuja prática se usa uma bola;

11 - *Jogo de saltos* (SA), exercícios cuja tarefa motora essencial é saltar ou saltitar.

Os dados estatísticos serão apresentados de forma descritiva e tabular, mencionando-se em relação a cada classe de jogos a frequência absoluta e relativa em percentagem.

### **3. Apresentação e discussão dos resultados**

#### **3.1 - Variação dos jogos praticados no “recreio”**

A tabela 2 permite verificar que o número total de referências aos jogos praticados nos lagradouros das escolas estudadas, sofreu, entre 1992 e 2007, uma

redução de 326 para 268, ou seja, diminuiu quase 20%. Todavia, e curiosamente, o número de jogos que foram objecto de referência manteve-se inalterado, dando a ideia de que, neste período de tempo, não se registou uma diminuição notória no número de jogos e actividades motoras realizadas nos locais de recreio<sup>4</sup>.

Analisando cada uma das classes de jogos, nota-se desde logo que, se os exercícios lúdicos de *corrida e perseguição* (CP) já eram dominantes entre as actividades realizadas nos logradouros das escolas em 1992, a sua importância, decorridos quinze anos, parece ter recrudescido. Com efeito, em termos relativos, estes jogos subiram de 28,5% para 43,7%, ou seja, actualmente, quase metade das práticas lúdicas de recreio mencionadas pelas crianças pertence à classe de *corrida e perseguição*. O gráfico 1 permite uma rápida visualização do aumento registado nesta classe de jogos.

Mas, a maior subida, em termos relativos, correspondeu aos jogos de *locomoção* (LC), que, detendo apenas 2,8% do número de referências no primeiro momento de observação, atingiram 18,7% em 2007. Assim, sendo esta classe, de início, uma das três menos referenciadas, conseguiu alcançar em 2007 a segunda posição quanto ao número de menções recebidas, não atingindo, porém, um valor tão elevado como o registado por Patriarca (2006). Esta subida poderá estar relacionada, em grande parte, com as mudanças introduzidas no piso e equipamento do logradouro, nomeadamente com a regularização do solo e, sobretudo, com a instalação do parque infantil. Deste modo, surgiram novos jogos e práticas motoras, como andar de baloiço, trepar e escorregar, que foram muito referenciados.

---

4 - Dado que o total de jogos referidos foi o mesmo, 52, a diminuição do total de referências significa apenas que cada os aluno, em média, referiu em 1992 seis jogos praticados no recreio e, em 2007, apenas cinco.

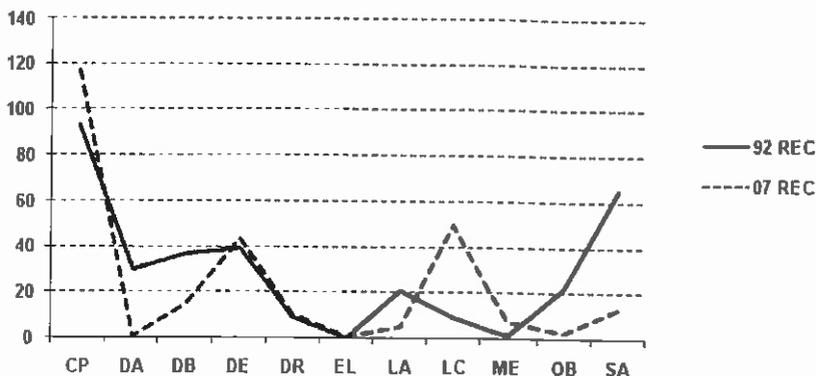
Tabela 2  
Jogos referenciados por classe (recreio)

Classes de Jogos	Recreio				Variação	
	1992		2007		92-2007	
	n	%	n	%	n	%
Corrida e pers.	93	28.5	117	43.7	24	25.8
Danças e j. rit	30	9.2	1	0.4	-29	96.7
Desp. c/ bola	37	11.3	15	5.6	-22	-59.5
Descoberta	39	12.0	44	16.4	5	12.8
Dramáticos	9	2.8	11	4.1	2	22.2
Electr/Rob/Inf	-	-	1	0.4	1	-
Lançamento	21	6.4	5	1.9	-16	-76.2
Locomoção	9	2.8	50	18.7	41	455.6
Jogos de mesa	1	0.3	8	3.0	7	700
Outros c/ bola	22	6.7	3	1.2	-19	86.4
Jogos de saltos	65	19.9	13	4.8	-52	-80.0
Total	326	100	268	100	-58	-17.8
Nº de jogos referenciados	52	-	52	-	-	-

De igual modo registaram crescimento, embora sem grande expressão em termos absolutos, os jogos de mesa (ME), de descoberta (DE) e dramáticos (DR). O aumento do número de práticas lúdicas de mesa deve-se, sem dúvida, às condições criadas na sala anexa à cantina do Soito, que no vestibulo dispõe de um vasto acervo de livros e jogos diversos, como damas, dominó, cartas, xadrez, *quatro em linha* e *monopólio*, que as crianças praticam antes e após o almoço. Quanto às práticas de *dramatização*, o aumento verificado ficou muito longe dos valores elevados obtidos no estudo de Patriarca (2006). Talvez esta discrepância se deva à utilização de critérios de registo não uniformes, facto impossível de comprovar com as informações disponíveis. Efectivamente, ao contrário do que sucedia há alguns anos, as crianças absorveram diversas versões de jogos de *perseguição simples*, como as *agarradas*, *apanhadas* ou *caçadinhas*, introduzindo-lhes designações e episódios preliminares que são, efectivamente, de natureza

dramática. Todavia, o objectivo e o desenvolvimento destes jogos, baseados na corrida para desempenhar os papéis antagónicos de fugir ou perseguir, justificam a nosso ver a sua classificação como exercícios de *corrida e perseguição*.

Gráfico 1  
Nº de jogos praticados no recreio, por classe



Numa situação inversa encontram-se os *jogos de saltos* (SA), uma vez que de 65 referências baixaram para 13, as *danças e batimentos rítmicos* (DA), que quase desapareceram, os *jogos desportivos com bola* (DB), os *outros jogos com bola* (OB) e os *jogos de lançamento* (LA). Nestas classes, as perdas, em termos absolutos, foram muito consideráveis, como facilmente nos elucida a leitura do gráfico 1.

A diminuição dos jogos *desportivos com bola* poderá estar relacionada sobretudo com as alterações introduzidas no piso do logradouro, que dificulta o drible e a progressão da bola. O abaixamento acentuado dos jogos *de saltos*, por sua vez, talvez se deva em grande parte ao desaparecimento do jogo do *elástico* e à diminuição brusca da prática das modalidades da *macaca* e do *salto à corda*, que em 1992 granjearam muitas referências.

### 3.2 - Variação dos jogos praticados na rua ou em casa

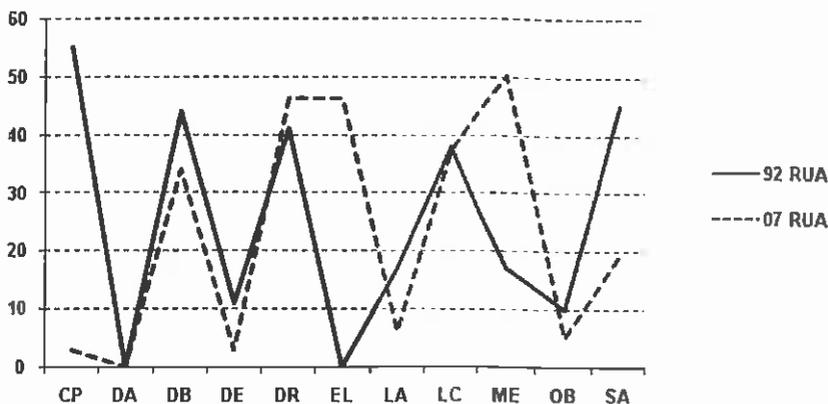
Vejamos agora como se processou, no período temporal considerado, a variação dos jogos praticados pelas crianças em espaços exteriores à escola, ou seja, na rua, em casa ou em locais anexos.

Tabela 3  
Jogos referenciados por classe (rua/casa)

Classes de jogos	Casa/Rua				Variação	
	1992		2007		92-2007	
	n	%	n	%	n	%
Corrida e pers.	55	19.8	3	1.2	-52	-94.5
Danças e j. rit	-	-	-	-	-	-
Disp. c/ bola	44	15.8	34	13.6	-10	-22.7
Descoberta	11	4.0	3	1.2	-8	-72.7
Dramáticos	41	14.7	46	18.5	5	12.2
Electr/Rob/Inf	-	-	46	18.5	46	-
Lançamento	17	6.1	6	2.4	-11	-54.7
Locomoção	38	13.7	37	14.9	-1	-2.6
Jogos de mesa	17	6.1	50	20.1	33	194.1
Outros c/ bola	10	3.6	5	2.0	-5	-50.0
Jogos de saltos	45	16.2	19	7.6	-26	-57.8
Total	278	100	249	100	-29	-10.4
Nº de jogos referenciados	49	-	61	-	-	-

Apesar de, tal como sucedeu no recreio, o total de referências ser superior em 1992, notamos agora, em contrapartida, que em 2007 foi maior o número de jogos referidos. Este facto deve-se, certamente, ao surgimento de novas práticas, nomeadamente nas categorias de jogos *de mesa* (ME) e *electrónicos, robóticos e informáticos* (EL), que não existiam antes.

Gráfico 2  
Nº de jogos praticados na rua ou em casa, por classe



Se em 2007 os alunos mencionaram um menor número de actividades lúdicas, tal facto poderá derivar da maior duração das novas práticas, nomeadamente das modalidades de *jogos informáticos* e de alguns divertimentos *de mesa*.

Como notamos pela leitura da tabela 2, os jogos *de mesa*, que em 1992 tinham obtido um número de referências modesto, guindaram-se em 2007 ao valor mais elevado, averbando assim a maior subida. Efectivamente, nota-se que a família oferece à criança cada vez mais brinquedos que apelam à inactividade corporal. De igual modo, os exercícios lúdicos *electrónicos, robóticos ou informáticos*, que não tinham surgido em 1992, atingiram em 2007, a par dos jogos *dramáticos* (que alcançaram ligeira subida), o segundo posto quanto ao total de referências. Também no efectivo destas classes de jogos se percebe uma superabundância de brinquedos onerosos que não registámos há 15 anos. Além dos computadores, que várias crianças usam apenas para jogar, começam a ser vulgares as *playstations*, os *game boys*, os *MP3*, as pistas de carros e comboios, os carrinhos e motas de pilhas, os veículos telecomandados e até as motorizadas de tamanho reduzido.

Também as *barbies* e outras bonecas e as miniaturas de *carrinhos de bebé* e trens de cozinha foram referenciadas por várias rapariguinhas.

Ao contrário do que sucedeu com as práticas realizadas no logradouro da escola, os jogos de *corrida e perseguição* (CP), os mais referenciados em 1992, sofreram um decréscimo de tal ordem que quase desapareceram. Também os jogos de *saltos* (SA) registaram um declínio assinalável, assim como, de modo menos relevante, os jogos de *lançamento* (LA), *desportivos com bola* (DB), *de descoberta* (DE) e *outros jogos com bola* (OB).

O aumento evidente dos exercícios *de mesa* e dos jogos *electrónicos* pode ter provocado a diminuição da prática dos *saltos, lançamentos* e jogos tradicionais *com bola*, cuja redução é evidente. Na verdade, o aumento diário do tempo de visualização da TV, as actividades de enriquecimento curricular e outras actividades culturais ou desportivas (que as crianças do meio rural também já realizam) e o poder atractivo do computador e da consola parecem não deixar tempo disponível para a concretização de todas as classes de jogos.

### 3.3 - A manutenção dos jogos tradicionais e o surgimento de novas práticas

A partir da análise das entrevistas é facilmente apreciável que, em relação a 1992, muitos jogos tradicionais se perderam e já não são praticados no presente, como a *calhandra* e a *semana*, variantes da *macaca*, o *pião*, a *choina* (*chona*, *bilhardu* ou *mocho*), a *cabra-cega*, a *hatazinha*<sup>5</sup>, o *espeto* ou *prego*, o *rupa*, os *potes*, o *pisa*, o *pisca*, o *pilha três*, as *andas*, o jogo *dos países* ou *nações* e o *senhor reizinho*<sup>6</sup>. Outros encontram-se em franca declinação, como a *macaca*, o *berlinde*, o *lencinho* e a *barra do lenço*, o

---

5 - Designação local do jogo da *pêla às potas*.

6 - Desapareceram algumas versões de jogos mas permaneceram ou surgiram outras, como sucedeu o caso do *rilha toca e fica*, as *cores* e a *meia-noite*, variações das *apanhadas*.

*sete* e as restantes formas de *bola à parede*, o *elástico* e as formas colectivas de *salto com corda*.

A sobrevivência destas práticas lúdicas ancestrais e de grande parte das tradições orais depende, em certa medida, da sensibilidade dos professores. Constatámos, no ano lectivo de 2006/2007, que várias docentes das duas escolas sobre as quais incidiu a pesquisa demonstraram grande interesse pelo património lúdico e oral. Uma das professoras referiu reconhecer uma particular importância aos jogos tradicionais, tendo mesmo frequentado acções de formação contínua relacionadas com esta temática.

Dum modo geral, sente-se nas escolas do Soito e de Vale de Espinho que não foi cerceado o tempo e o espaço destinados à prática destes exercícios lúdicos.

Uma docente afirmou tratar com frequência, na sala de aula, lengalengas variadas, peças do nosso património oral com incalculável valor, que ajudam a criança a expressar-se e, muitas vezes, são complementadas por interessante jogos. Num dos dias de entrevistas na escola de Vale de Espinho, uma docente tinha acabado de propor a leitura da cantilena da *Senhora D. Sancha*, misto de oração matinal e de lengalenga, usada em danças de roda, nas *escondidas* ou na *cabra-cega*, que suscitou grande interesse dos alunos:

*Senhora D. Sancha*  
*Coberta de ouro e prata*  
*Descubra o seu rosto,*  
*Quero ver a sua cara.*

*Que anjos são estes*  
*Que andam a rodear?*  
*Quer de noite, quer de dia,*  
*Padre Nosso, Avé Maria.*  
*Somos filhas de conde,*  
*Netas de visconde.*

*Debaixo desta pedra  
É que a gente se esconde*<sup>7</sup>.

Nota-se algo de misterioso nesta e noutras fórmulas rimadas que acompanha(va)m muitos jogos tradicionais das crianças. Algo indiscreto, situado numa dimensão obscura e enigmática, impregnada de resquícios de antigos ritos, a que Johan Huizinga<sup>8</sup> alude quando procura precisar o significado formal (exterior) de “jogo”. De igual modo, Jean Chateau alerta para a “liturgia do jogo infantil”, onde tudo está regulado e predeterminado por pequenas fórmulas, lengalengas e cantilenas, “que servem para fixar os papéis”<sup>9</sup>.

Nos jogos das crianças encontram-se ricas fórmulas rimadas que, segundo Adolfo Coelho, correspondem a “uma iniciação no mundo da arte” e constituem um suporte interessantíssimo para as actividades corporais e motoras. A este propósito, este etnólogo e pedagogo, embora considerando que as rimas têm, em si próprias, muito pouco sentido, acrescenta: “o corpo acha nessas palavras, ditas como as crianças as dizem, o ritmo do movimento”<sup>10</sup>.

Verificámos localmente que alguns exercícios lúdicos perpetuados pela tradição não apenas se mantêm, como, nalguns casos, se praticam ainda mais. Nas duas localidades onde incidiu o nosso estudo, o jogo *do boi* ou *touro* é um bom exemplo do afirmado. Além deste poderá referir-se toda a sorte de jogos com bonecas e brinquedos de pelúcia, ainda mais referenciados agora do que em 1992.

---

7 - Cf. Grande, Adélia, et al., *Tico-tico não dá erros*. Dolores (2006) refere uma outra cantilena usada na escola do 1º CEB de Rio Maior, como dança de roda (com as crianças de mãos dadas): Senhora Dona Sancha/ Coberta de ouro e prata/ Descubra o seu rosto/ Que nós queremos ver/ Somos filhos do rei/ E netos da rainha/ Queremo-nos esconder/ Debaixo daquela pedrinha. Cf. Dolores, A., *As actividades lúdicas das crianças...*, anexo D, s. p.

8 - Huizinga, Johan, *Homo Ludens*, p. 35.

9 - Chateau, Jean, *A criança e o jogo*, p. 67. Este autor, a nosso ver um dos que mais conseguiu penetrar no “âmago” do jogo da criança, retoma e desenvolve o assunto na sua obra magna *Le jeu de l'enfant après trois ans...* (cf. Cap. VII e VIII)

10 - Coelho, Adolfo, *Obra Etnográfica*. Vol. 2, p. 125.

Nestas localidades, tal como em todas as aldeias da zona raiana, o *jogo do boi*, também conhecido por *jogar ao touro*, assume particular expressão entre as crianças. Tal facto não é de admirar, visto que a *tourada capeia* - com recurso ao uso do *forcão*, estrutura deltóide de fortes troncos de madeira, onde vinte moços se abrigam para defrontarem a força do boi - , é a prática que mais apaixona as populações locais. Deste modo, as crianças, rapazes e raparigas, imitam os mais velhos e, com ou sem recurso a um *forcão* miniaturizado, que elas próprias improvisam, elegem este exercício como o mais entusiasmante, colocando-o à frente de qualquer outro jogo, do futebol inclusivamente<sup>11</sup>.

Na nossa observação pudemos constatar que o desaparecimento de muitas práticas lúdicas tradicionais é compensado pelo surgimento de novos jogos ou versões de práticas lúdicas já conhecidas. Eis um exemplo bem elucidativo: um dos folguedos que pela primeira vez nos foi referenciado na escola do Soito, em 2007, é o jogo da *vaca congelada*, que parece tratar-se de uma variante do jogo das *agarradas* ou *apunhadas*. No início, um dos participantes oferece-se para ficar a perseguir os restantes, as *vacas*. Sempre que um dos fugitivos é tocado pelo perseguidor fica *congelado*, ou seja, permanece em pé, com os braços levantados horizontalmente, parado no local onde foi atingido, podendo ser *salvo* se um dos que estão *livres* lhe tocar numa das mãos<sup>12</sup>.

Outro jogo de corrida e perseguição, o usual noutras localidades, mas que há 15 anos não nos foi mencionado em qualquer das escolas é o *do pão e da manteiga*. Um faz de *pão* e persegue os restantes. Quando o *pão* toca numa *manteiga* esta *derrete-se*, isto é, a criança fica parada no mesmo lugar, com pernas afastadas, fazendo pequenas torções com os braços e o tronco, como se começasse a perder a tonicidade muscular e tivesse que cair ao solo. Se assim acontecer, deixa de

---

11 - Descrevemos esta prática com mais pormenor em 1986. Cf. Serra, Carneira e Veiga, Pires, *A capeia, um jogo de força*.

12 - Trata-se de um jogo com dinâmica semelhante a antigas versões do *riha* e, em parte, do *futebol humano* ou *sem bola*, ainda tão praticado.

tomar parte activa no jogo. Porém, como sucede na *vaca congelada*, também aqui há possibilidades de *salvamento*, bastando para o efeito que um dos participantes *livres* passe por baixo das pernas da *manteiga derretida*. Versão idêntica é o *jogo do diabo*, do qual as crianças reclamam a autoria. Um, escolhido à sorte, “é” o *diabo* e vai agarrar os outros, não o podendo fazer quando estes, em grupos, se derem as mãos.

Outra prática lúdica pertencente à mesma categoria, que nos parece mais simples e também não conseguimos registar em 1999 é o *jogo do mau*, que as crianças admitem ser uma variante das *apanhadas*. Um menino, o *mau*, persegue os outros e, quando os agarra, bate-lhes nas costas, embora sem violência<sup>13</sup>. Em alternativa, quando o contrato lúdico previamente acordado o estabelece, jogam dois grupos, combinando-se de antemão quais dos intervenientes desempenharão o papel de *maus*. Outro exercício idêntico, de *corrida e perseguição*, é o *jogo dos irmãos*. Dois intervenientes, os *irmãos*, perseguem o *gato* e, se o agarram, trocam de funções.

Também alguns jogos cujo desenvolvimento é de natureza dramática surgiram nestes quinze anos e, segundo os depoimentos obtidos, foram “inventados” pelas próprias crianças da escola do Soito. *As princesas e as bruxas* e o *jogo da natureza* – a que também ouvimos chamar *defender a natureza* ou *guardar a natureza* – constituem dois exemplos interessantes<sup>14</sup>. O primeiro destes jogos deve ter sido inspirado em contos tradicionais ou em jogos informáticos, tão em voga, ao passo que o segundo poderá ter surgido a partir das preocupações ecológicas que, em boa hora, muitas escolas perfilharam e pedagogicamente desenvolveram.

É vulgar este surgimento repentino de jogos que as crianças adaptam a factos

---

13 - Curiosamente, há quinze anos, a partir dos testemunhos das crianças das mesmas localidades, registámos o jogo da *mãe-má*, que perseguia e tentava agarrar os filhos e que, desta feita, não foi referenciado, não sendo possível saber se o primeiro deu origem ao que actualmente se pratica.

14 - Além de outros, igualmente de natureza simbólica que, embora usuais noutros contextos, não nos foram referenciados nestas localidades em 1992: jogar *à professora*, *ao dentista*, *ao enfermeiro*...

reais e acontecimentos mediáticos, a maioria dos quais entra em declínio pouco tempo volvido. Há duas décadas era usual o desabrochamento de versões de jogos de batimentos rítmicos das mãos, mais do agrado das rapariguinhas, logo que lhes ficavam no ouvido a música duma telenovela ou do Festival da Canção. O jogo dos *filhos e das mães* (ou *dos bebés*, como também nos foi referenciado) é dramatizado como os tradicionais jogos *das casinhas e da mãe*. Todavia, no final, o desenvolvimento tende para a tentativa de rapto dos *bebés*, a que os *pais* (e, por vezes, os *tios*) se opõem tenazmente. A figura do *raptor*, que há quinze anos não encontrámos, poderá ter derivado do caso, tão mediatizado, do alegado rapto de uma criança inglesa num empreendimento turístico do Algarve.

Para jogar *às princesas e às bruxas* são necessárias quatro ou cinco rapariguinhas e um rapaz. Duas ou três, as *princesas*, são acompanhadas pelo *pai* ou *mãe*, consoante o papel for desempenhado por uma rapariga ou por um rapaz. As restantes intervenientes, as *bruxas*, munidas dos seus estranhos e nefastos poderes, *lançam feitiços às princesas*. Estas, por sua vez, procuram *desfazer* essas feitiçarias, desenrolando-se o enredo de modo teatralizado e sempre divertido.

O *jogo da natureza*, por sua vez, decorre em ambiente bem mais sério, “sempre igual”, como nos foi referido. As meninas, no perímetro do logradouro escolar, vão procurar palhas, fitas de papel e outros desperdícios adequados, que entregam depois aos meninos. Estes, munidos dos referidos materiais, constroem ninhos nas árvores fronteiras à entrada da escola, na esperança de que venham encontrar inquilinos que os habitem.

Um outro jogo que não nos foi referenciado em 1992 tem um nome curioso: *Jesus contra o Diabo*. É jogado, mais pelos rapazes, no muro que separa o logradouro da escola do espaço pertencente ao Externato do Soito, que actualmente se encontra rebocado e pintado, totalmente regularizado. É uma espécie de luta aos empurrões entre os que *são de Jesus* e ocupam o patamar superior e os do Diabo, que estão em baixo.

Não pudemos comprovar a antiguidade deste divertimento, dado que as

crianças não a souberam indicar. Curiosamente, a sua prática despontou após o desaparecimento, na localidade, de jogos como os *potes* ou *potexinhos* e as *fitinhas do Céu*, que terminavam com uma luta de tracção entre as forças do bem e do mal<sup>15</sup>.

Além destas práticas, outras, tradicionais e quase universais, apesar de não nos terem sido referenciadas em 1992, foram mencionadas em 2007: a *rede e os peixes* e o *gato e o rato*, nos jogos de recreio, e o *mata* ou *queima*, as *caricas* (ao *mata*) e *andar de trotineta*, no espaço exterior. Este facto poderá significar que alguns jogos tradicionais em que as crianças há muito se exercitam podem ter sido menos praticados ou entrado em desuso durante um determinado lapso de tempo, mas ressurgido depois.

#### 4. Conclusão

Os resultados obtidos permitem reconhecer que, no período temporal considerado, diversas modificações ocorreram no tipo de jogos e actividades motoras praticados pelas crianças do 1º CEB.

Com efeito, nas localidades estudadas, foi possível notar que:

No logradouro escolar registou-se um valor muito elevado nas referências feitas às práticas de *corrida e perseguição* e uma subida notória no número jogos de *locomção*, indicadores de que os alunos continuam a exercitar-se, nos intervalos das actividades lectivas, em práticas bastante dinâmicas.

Ao invés, nos *jogos de saltos* verificou-se uma grande descida, ao passo que as *danças e batimentos rítmicos*, *jogos desportivos com bola*, *outros com bola* e práticas lúdicas de *lançamento* quase desapareceram.

Fora do logradouro escolar, em casa e na rua, as referências aos jogos *de*

---

15 - Jogos descritos noutra local. Cf. Serra, C., "Reminiscências das relações entre o Lúdico e o Sagrado...".

*mesa*, assim como aos pertencentes à classe dos *electrónicos, robóticos e informáticos* aumentaram de um modo muito marcante, mantendo-se os de *dramatização* numa posição elevada.

Inversamente, em casa ou em locais próximos notou-se uma diminuição muito acentuada no total de referências aos jogos de corrida e *perseguição, saltos, lançamentos, desportivos com bola, descoberta* e *outros jogos com bola*, indiciador do decréscimo de actividades físico-motoras das crianças fora do logradouro escolar.

Os dados são reveladores da corrosão exercida nos jogos e práticas motoras das crianças pela globalização e generalização das conquistas da investigação, nos domínios da informática, da electrónica, da robótica e das comunicações multimédia. No entanto, apesar de arrasados pelo peso desse “cilindro compressor”, alguns jogos tradicionais ainda se vão mantendo.

Verificou-se que a perda de parte do património lúdico tem sido, pelo menos em parte, preenchida pelo aparecimento de novos jogos, alguns deles derivados de fenómenos de aculturação e outros surgidos a partir da imaginação vívida das crianças.

É nossa convicção que o tema do presente estudo, baseado na análise das mesmas localidades em duas situações temporais, deve ser repetido noutros locais e regiões. Só dessa forma poderemos ter uma melhor percepção de como se vai processando a mutação dos hábitos lúdicos e motores das crianças portuguesas.

## Bibliografia

- Chateau, J. (1947). *Le jeu de l'enfant après trois ans, sa nature, sa discipline. Introduction à la pédagogie*, Paris: J. Vrin.
- Chateau, J. (1961). *A criança e o jogo*, Tradução e prefácio de J. Ferreira Gomes, Coimbra: Atlântida.
- Coelho, A. (1993). *Obra Etnográfica*, Vol. 2 – Cultura Popular e Educação, Lisboa: Publicações D. Quixote.
- Dolores, A. (2006). *As actividades lúdicas das crianças do 1º ciclo do Ensino Básico: Estudo comparativo dos jogos realizados segundo o género e o ano de escolaridade*, Dissertação de Seminário, Rio Maior: FSDRM, não publicada.
- Grande, A., et al., *Tico-tico não dá erros: Leitura/Ortografia – 1ª fase*, Porto, Edições ASA, 1982.
- Huizinga, Johan, *Homo Ludens. Essai sur la fonction sociale du jeu*, Paris, Éditions Gallimard, 1951.
- Neto, C. (1999). *Motricidade e Desenvolvimento na infância*, 2.ª ed., Rio de Janeiro: Sprint.
- Patriarca, A. (2006). *As rotinas de vida diária e a actividade lúdica da criança em dois contextos rurais diferenciados*, Dissertação de Seminário, Rio Maior: FSDRM, não publicada.
- Pereira, B. (1993). *A infância e o lazer – Estudo da ocupação dos tempos livres da criança dos 3 aos 10 anos em diferentes contextos sociais*. Monografia de Mestrado, Lisboa: UTL/FMH, 1994, não publicada.
- Pereira, B. e Neto, C. (1997). “A infância e as práticas lúdicas: estudo das actividades de tempos livres das crianças dos 3 aos 10 anos”, in M. Pinto e M. Sarmiento (coord.), *As crianças: contextos e identidades*, Braga: UM/IEC, pp. 219-264.
- Serra, M. (1992). *Desenvolvimento motor, jogo e contexto cultural*, Monografia de Mestrado, Lisboa: UTL/FMH, não publicada.
- Serra, C., (2003). “Reminiscências das relações entre o Lúdico e o Sagrado nalguns Jogos de Tradição”, in *Livro de homenagem a José Miguel Carreiro Amarelo*, Guarda: ESEG, pp. 143-160.
- Serra, C. e Veiga, P. (1986). *A capeta, um jogo de força*, Guarda, ADJTL, 1986.
- Serrano, J. (1996). *Envolvimento social e desenvolvimento da Criança – Estudo das rotinas de vida diária das crianças com idades compreendidas entre os 7 e os 10 anos nos meios rural e urbano*. Monografia de Mestrado, Lisboa: UTL/FMH, não publicada.
- Serrano, J. e Neto, C. (1997). “As rotinas da vida diária das crianças com idades compreendidas entre os 7 e os 10 anos nos meios rural e urbano”, in C. Neto (Ed.), *Jogo & Desenvolvimento da Criança*, Lisboa, Edições FMH, pp. 206-225.